

Dinâmicas da economia criativa do livro na Bahia*

Calila das Mercês Oliveira^{**}
Raquel Machado Galvão^{***}
Roberto Henrique Seidel^{****}

Resumo

Ao debater questões relativas à pesquisa “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas” (CNPq/MinC/Secretaria de Economia Criativa/UEFS), queremos trazer abordagens sobre a implementação da cadeia produtiva do livro. Diante do desafio de realizar um levantamento sobre informações e dados da Economia Criativa, uma lacuna ainda em aberto, é preciso investigar experiências do setor criativo do livro. Conhecendo algumas editoras da Bahia, formais e não formais, percebe-se a existência daquelas que trabalham de forma alternativa, como as editoras de cordéis, quadrinhos e gráficas que funcionam como editoras. Ao aprofundar o conhecimento sobre o perfil de criação e empreendedorismo do setor, depara-se com um difícil gargalo na dinâmica editorial na Bahia: a distribuição dos livros.

Palavras-Chave

Economia criativa; cadeia produtiva do livro; editoras baianas; livro

Abstract

To discuss issues of the research “Publications in Bahia: mapping and diagnosis of Publishers from Bahia” (CNPq/MinC/Department of Creative Economy/UEFS), we want to bring approaches about the implementation of the productive area of the book. With the challenge to survey the information of Creative Economy, a gap still open, we need to investigate the experiences of creative sector of the book. Knowing some publishers in Bahia, formal and non-formal, we perceive the existence of those who work alternatively, as the editors of popular literature, comics and graphic that act as publishers. To deepen the knowledge about the profile creation and entrepreneurship in the sector, we see a difficult bottleneck in the dynamic editorial in Bahia: the distribution of the books.

Keywords

Creative economy; chain of production; publishers of Bahia; book

* Artigo de autores convidados.

** Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista do projeto “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas” (CNPq/MinC/Secretaria de Economia Criativa).

*** Aluna de mestrado no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Bolsista do projeto “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas” (CNPq/MinC/Secretaria de Economia Criativa).

**** Professor Titular no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Coordenador do projeto “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas” (CNPq/MinC/Secretaria de Economia Criativa).

Introdução

A economia da cultura é um novo campo de estudos. A criação recente, em 2011, de uma Secretaria ligada ao Ministério da Cultura insere as diversas áreas da cultura nesse debate, legitimando a necessidade de diálogo sobre esse setor estruturante. Segundo a economista do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e coordenadora do Sistema de Informações e Indicadores Culturais, Cristina Pereira de Carvalho Lins, faltam estatísticas governamentais para cobrir o setor das indústrias criativas, englobando questões metodológicas, referências numéricas, produtivas e de nomenclatura. Para ela, “aprofundar a reflexão sobre o âmbito do conceito de cultura/economia criativa para a produção das estatísticas nacionais é uma condição para o avanço do trabalho, nos termos da parceria” (BRASIL, MINC, 2011, p. 108).

Carlos Lopes, no artigo “Competências criativas para fortalecer a economia criativa no Brasil”, diz que “é preciso mapear as competências e avaliar as necessidades de formação de economia criativa brasileira” (LOPES, 2011, p. 113). Só assim artistas e empreendedores criativos poderão buscar uma inserção produtiva e social mais forte, com melhor rendimento e eficiência.

A partir do estudo da cadeia produtiva dos setores criativos, o poder público também poderá pensar estratégias de pequeno, médio e longo prazo que possam fortalecer, de um modo geral, o setor de livros. Sendo assim, formações, iniciativas de gestão e modelos eficazes de distribuição deverão entrar em voga como cerne das políticas públicas cujo principal público alvo é a própria sociedade.

Segundo Cláudia Leitão (2009, p. 115), “cultura é, ao mesmo tempo, processo e produto. Algo tangível e intangível”. Quando o ensino superior, no seu papel de facilitador de acessos diversos, se propõe a realizar um estudo sobre o setor de livros, focado em publicações, mais do que mapear e conhecer, ele visa diagnosticar de que forma os artistas das letras e os empreendedores culturais estão atuando, e como será possível a interrelação e cooperação entre os diversos agentes, para que os abismos sejam minimizados e possa existir um real fortalecimento da área, respeitando assim o pleno exercício da cultura, estabelecendo algo que vem sendo denominado de cidadania cultural, i. e., “a cultura como direito dos cidadãos e como trabalho de criação”(cf. CHAUI, 2006, p. 67). Assim, é preciso pensar as diversas dinâmicas que envolvem a cadeia produtiva do livro na Bahia, não somente as editoras, buscando perceber as similaridades e divergências no que tange à produção dos livros, às características dos principais profissionais envolvi-

dos na produção e aos dados sobre os livros. Além disso, importa analisar atributos de distribuição, consumo e difusão dos livros, assim como o nível de compreensão das políticas públicas, o universo dos direitos autorais, as parcerias firmadas, entre outros fatores.

1. A economia do livro no contexto das editoras baianas

A pesquisa “Publicações na Bahia: mapeamento e diagnóstico das editoras baianas”, que está ligada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), tem como objetivo principal realizar um mapeamento detalhado das editoras atualmente existentes na Bahia, em suas diversas regiões, englobando tanto as que funcionam na formalidade com um apelo comercial, quanto as que operam de forma alternativa ou não-tradicional. No que diz respeito ao segmento dito alternativo, há que se destacar que “o Brasil está assistindo, nos últimos anos, a um movimento cultural vindo da periferia, englobando literatura, música, entre outras manifestações”, sendo que tal tendência, conforme a expressão pública do próprio Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), sinaliza para a “importância de se ter um padrão de qualidade no que se refere à literatura marginal, ou de periferia, [...] para que ela saia desse nicho e possa atingir o mercado como um todo” (GANDRA, 2013, online).

Devido à extensão territorial e à quantidade de municípios da Bahia (417 municípios), está sendo adotada para o mapeamento a referência às sete mesorregiões do estado, a saber, as seguintes: Metropolitana de Salvador, Extremo Oeste Baiano, Vale São-Franciscano Baiano, Centro-Sul Baiano, Sul Baiano, Centro-Norte Baiano e Nordeste Baiano. Trabalhar com o conceito de mesorregião significa levar em consideração aspectos mais vastos do que apenas o histórico ou o econômico, de forma a ampliar as determinações no âmbito conjuntural, observando-se como elementos: “o processo social como determinante, o quadro natural como condicionante e a rede de comunicação e de lugares como elemento da articulação espacial” (IBGE, 2013, online).

Segundo o professor e pesquisador do Centro de Estudos Multidisciplinares em Cultura (Cult) da Universidade Federal da Bahia, Paulo Miguez (2011, p. 99):

é bastante plausível a expectativa de que a realização de estudos e pesquisas voltados para responder às indagações próprias de toda a novidade venha garantir a densidade teórico-metodológica necessária ao enfrentamento do desafio de pensar o conceito de economia criativa em chave brasileira.

Ao pensar o universo editorial, sabe-se que o número de editoras no Brasil, até meados da década de 90, era muito inferior ao quadro que se tem hoje. Havia o domínio daquelas de grande porte, localizadas em grandes centros urbanos. Foi a partir da expansão e ampliação das novas tecnologias da informação, da possibilidade da compra de maquinário, computadores e softwares, que houve a mudança desse quadro.

Pensar na “cadeia produtiva do livro” é vincular setores diferentes e complementares, que, ao mesmo tempo, podem se confrontar devido às disputas de mercado, setores estes que contemplam o editorial, o autoral, o gráfico, o produtor de máquinas gráficas, o produtor de papel, o distribuidor, o atacadista, o bibliotecário e o livreiro. Mesmo assim, existe uma lacuna no estudo e análise dessa cadeia:

As dificuldades de acesso aos dados e o baixo grau de desagregação da informação estatística disponível – sem mencionar problemas qualitativos presentes nos dados produzidos e disponibilizados pelas entidades do setor editorial – recomendam uma melhor estruturação do processo de produção e difusão de dados caso se pretenda produzir análises mais sólidas sobre a estrutura e a dinâmica desse setor de atividade econômica (EARP; KORNIS, 2005, p. 48).

No recorte da Bahia, sabe-se da existência de inúmeras editoras e de políticas culturais voltadas para elas. A exemplo, a Fundação Pedro Calmon, principal órgão governamental ligado ao setor de livros na Bahia, conta com uma Diretoria do Livro e da Leitura que promove políticas para o setor de publicações. A Fundação é a responsável pelos editais específicos para a publicação de livros por editoras baianas. No ano de 2012, tais editais tinham como objetivo:

Apoiar propostas de edição de livro ou coleção de autores baianos, cuja temática seja a cultura baiana em suas diversas expressões: cultura negra, cultura sertaneja, literatura (ficção e poesia), folclore, história da Bahia, biografias de personagens ilustres, literatura popular, fotografia, cultura praieira, etc. (BAHIA, SECULT, Edital 08/2012, p. 7).

O Plano Nacional do Livro e Leitura, formulado em 2010, pelo Ministério da Cultura em parceria com o Ministério da Educação, trouxe como um de seus eixos o Desenvolvimento da Economia do Livro. Elaborado em debate com a sociedade civil, o documento diz que:

A política para o livro e a leitura deve considerar também as diversas autorias e a criação literária, além das questões de fomento do setor editorial e livreiro, de forma a criar condições para que a produção das obras necessárias aconteça de forma cada vez mais eficaz [...] (BRASIL, MinC. Plano Nacional do Livro e Leitura, 2010, p. 35).

O eixo de Desenvolvimento da Economia do Livro traz debates que englobam o desenvolvimento da cadeia produtiva do livro, o fomento à distribuição, circulação e

consumo de bens de leitura, apoio à cadeia produtiva do livro e maior presença no exterior da produção nacional literária, científica e cultural editada. E, sem o diagnóstico, essas metas podem ficar com diversas lacunas.

O Plano Estadual do Livro e Leitura na Bahia (2013-2022) traz também como um de seus eixos o Desenvolvimento da Economia do Livro. Entre as estratégias definidas estão: incrementar a rede produtiva do livro e apoiar a rede criativa do livro, incluindo entre seus objetivos fomentar a produção de indicadores sobre a situação do livro e da leitura na Bahia, em cujo âmbito esse projeto se propõe a colaborar.

2. Cadeia produtiva do livro e diversidade cultural

Pensar a Bahia na sua diversidade territorial – portanto, sem focar apenas a capital e a região metropolitana – é uma tarefa importante, uma oportunidade de possibilitar a voz e a vez aos demais territórios ou regiões baianas com diversas características sócio-político-culturais, características estas que não os colocam imunes à dinâmica de atividades artísticas e partícipes da área de economia da cultura. Em termos de abordagens acadêmicas (dissertações de mestrado), cita-se o exemplo de duas pesquisas recentes que deram conta da dinâmica cultural de escritores de duas diferentes regiões do interior da Bahia¹, ambas apontando que há, em regiões tão distintas entre si e distantes espacialmente dos centros, tanto uma intelectualidade que escreve e publica, quanto um público leitor que demanda obras, sejam elas literárias, sejam não literárias.

Dessa forma, as microrregiões selecionadas para o início da pesquisa, que envolverá levantamentos locais, foram as seguintes: Mesorregião Metropolitana de Salvador (Microrregião de Salvador e de Santo Antônio de Jesus), Extremo Oeste Baiano (Microrregião de Barreiras e de Santa Maria da Vitória), Vale São-Franciscano Baiano (Microrregião de Juazeiro e de Bom Jesus da Lapa), Centro-Sul Baiano (Microrregião de Vitória da Conquista e de Seabra), Sul Baiano (Microrregião de Porto Seguro e de I-

¹ Trata-se das pesquisas de mestrado de Cristiana da Cruz Alves (2011), defendida no Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), e de Eduardo Pereira Lopes (2013), defendida no Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). A primeira fez pesquisa de campo com a geração de escritores que se espelhou na carreira do escritor hoje da Academia de Letras, Antônio Torres (natural da microrregião Agreste e Litoral Norte da Bahia), os quais tanto publicam em editoras alternativas quanto naquelas ditas comerciais, mas preponderantemente situadas no Rio de Janeiro. Já a segunda pesquisa dá conta da microrregião do Médio São Francisco, igualmente constatando a existência de um autor, intelectual e agitador cultural que serviu de abra-caminhos, influenciando as gerações posteriores de escritores, mas não tão conhecido do grande público, notadamente Enoch Carneiro.

lhéus- Itabuna), Centro-Norte Baiano (Microrregião de Feira de Santana e de Irecê) e Nordeste Baiano (Microrregião de Alagoinhas e de Euclides da Cunha).

Diante do desafio de realizar um levantamento sobre informações e dados da economia criativa, uma lacuna ainda em aberto, a pesquisa visa investigar experiências do setor criativo de livro, envolvendo uma articulação dos setores de Livro e Publicações de Mídias Impressas. Dessa forma, a pesquisa ancora-se no primeiro dos três eixos colocados pela Secretaria da Economia Criativa, como sendo fundamentais para o desenvolvimento e/ou incremento da economia criativa no Brasil. Os três eixos são os seguintes:

- a) mapeamento da informação das cadeias produtivas, com diagnóstico de territórios criativos, de vocações regionais, para formulação de políticas públicas;
- b) capacitação técnica para gestão de negócios criativos, com formação de gestores, do artesanato à cultura digital;
- c) promoção e difusão desses empreendimentos em feiras, rodadas de negócios, etc. (cf fala da secretária Claudia Leitão, apud Economia Criativa, Notícias do MinC, 27 mar. 2013, online).

Considerando aspectos do desenvolvimento como a diversidade, a sustentabilidade, a inovação e a inclusão social, a pesquisa envolve uma investigação sobre experiências bem sucedidas com a publicação de livros, assim como o desempenho de coletivos, associações e cooperativas culturais que atuam na área (com impressão de cordéis, livros artesanais) de forma alternativa, podendo ser exemplos de sustentabilidade econômica e social.

3. Mapeamento, diagnóstico e economia da cultura

Para o professor e escritor baiano Mayrant Gallo (titular da Diretoria do Livro e da Leitura da Fundação Pedro Calmon, até fevereiro de 2013), a produção editorial baiana atual não fica a dever, em qualidade gráfica, a quase nenhuma editora das regiões Sudeste e Sul:

Posso estar enganado – e não são poucos os homens que se enganam –, mas, ao que parece, uma nova era no meio editorial baiano começou. Já temos editoras – e editoras criteriosas –, em quantidade que nem sei se a constelação de leitores baianos a justifica. Não faltam livros, portanto. Falta talvez que leiamos mais, que frequentemos mais as livrarias e os lançamentos de livros. Que nos “aculturemos” tanto para a mente quanto para o corpo (GALLO, 2013, online).

Em uma de suas ações, a Fundação Pedro Calmon realizou uma chamada pública para selecionar editoras baianas para compor o estande da instituição na XI Bienal do Livro da Bahia, demonstrando um interesse por parte das políticas públicas em fomentar o setor. Contudo, deve-se considerar que existem ainda editoras desconhecidas pelos mapeamentos até então realizados, muitas atuando de forma alternativa, como as editoras de cordéis, quadrinhos e gráficas que funcionam como editoras. Para envolvê-las e criar linhas de apoio para o financiamento de livros, como consta no plano de ações do Plano Estadual do Livro e da Leitura, é necessário conhecê-las, em mapeamento e diagnóstico. Ter em mãos informações sobre quais são as editoras baianas em atuação, investigando a sua cadeia produtiva – que inclui criação, produção e distribuição – já é um passo importante para a divulgação e facilitação do trabalho delas em rede. Só a partir dessas informações será possível estimular a capacitação e o fomento a empreendimentos criativos em toda a Bahia.

Em um levantamento prévio junto a documentos ligados às políticas estaduais do setor de cultura, foram identificadas algumas editoras, com perfis diferenciados, que vão das universitárias, passando pelas que têm um perfil mais comercial, e outras comunitárias. São exemplos: Cogito Editora (Salvador), Editora Vento Leste (Salvador), Pimenta Malagueta (Salvador), Mondrongo (Ilhéus), Quarteto (Salvador), Editora Kalango (Simões Filho), P55 Edições (Salvador), Casarão do Verbo (Anagé), Cedraz (Salvador), Livro.com (Lauro de Freitas), Casa de Palavras (Salvador), Editora Corruptio (Salvador), EDITUS (Universidade Estadual de Santa Cruz, Ilhéus-Itabuna), EDUFBA (Universidade Federal da Bahia, Salvador), EDUNEB (Universidade do Estado da Bahia, Salvador), Ômnira Editoração e Revista (Salvador), Selo Arcádia (Salvador), Solisluna Editora (Lauro de Freitas), Todas as Falas (Porto Seguro), UEFS Editora (Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana), UNIJORGE (Faculdade Jorge Amado, Salvador), Via Litterarum (Itabuna) e Egba (Salvador).

Já tendo conhecimento da existência dessas editoras, o projeto busca assimilar as que ainda não estão listadas e as que já trabalham de forma alternativa, como, por exemplo, as editoras de cordéis, quadrinhos e gráficas que funcionam como editoras e as chamadas cartoneiras (que trabalham com materiais reciclados e artesanais). Assim, será possível perceber dinâmicas de similaridades de funcionamento e dificuldades encontradas pela cadeia editorial como um todo.

Munidos dos dados, estamos na dinâmica de traçar um perfil das editoras da Bahia, para que haja uma maior compreensão da cadeia produtiva do livro no âmbito da criação, produção e distribuição. Já em andamento, a pesquisa divulga as informações em um site exclusivo (www.econocriativa.org) e, posteriormente, tornará públicas as informações também em formato e-book.

4. Dinâmicas possíveis

Por meio do instrumento da aplicação de questionários em entrevistas, para posterior análise dos dados quantitativos e qualitativos, a pesquisa em andamento visa perceber, entre outros fatores, os níveis de formalidade das editoras, assim como o número de livros publicados por ano, a tiragem média e o tipo de gráfica. Todas essas questões fazem parte da dinâmica de produção dos livros. Saber sobre os profissionais envolvidos, os vínculos que eles têm com as editoras e o nível de escolaridade também cabe nesse viés da cadeia produtiva.

Quais são as relações estabelecidas entre uma editora e um escritor? A partir dessa questão, que caminha para a criação, busca-se traçar que tipo de dinâmica, mercadológica ou não, envolve a questão. Visto que o escritor de literatura, por vezes, paga para publicar o seu livro, estocando, muitas vezes, os exemplares em sua própria residência, seu livro possui pouca distribuição e tende a contar com um público reduzido a amigos e parentes. Contudo, algumas editoras conseguem se desvencilhar desse círculo vicioso, tratando a criação artística do livro como parte primordial para a circulação do livro direcionada a um público mais amplo.

No que tange à distribuição e ao consumo de livros, esta é uma das questões mais complexas. Existe um mercado que se dá em volta de governos, principalmente em se tratando de editoras de grande porte, que têm garantia de que seus livros serão adquiridos pelo poder público. Mas essa relação acaba acontecendo no eixo Rio-São Paulo. Na Bahia, a dinâmica de incentivo acontece, mas a de compra nem tanto. A exceção vale para os já referidos editais da Fundação Pedro Calmon, da Secretaria de Cultura (Secult) que determina que os vencedores de seus editais de apoio a publicações destinem certa percentagem para distribuição às bibliotecas das escolas públicas.

Em se tratando de políticas públicas na Bahia, no mês de julho de 2014, foi aprovado o Plano Estadual do Livro e Leitura (PELL-BA), que, segundo o governo, é um

marco importante na etapa de democratização do acesso e valorização da leitura e também do fomento à economia do livro na Bahia.

O PELL-BA apresenta caminhos e estratégias em sintonia com o Plano Nacional do Livro e Leitura, Plano Estadual de Cultura, Plano Nacional de Cultura e o Plano Nacional de Educação, apresentando 11 objetivos, 8 estratégias e 51 ações, norteando as iniciativas a serem desenvolvidas em Salvador e no interior do Estado. Queremos saber como as editoras do Estado da Bahia se relacionaram com a formulação desse plano, como elas estiveram envolvidas na concepção de algo que fomenta o setor criativo do livro como política de incentivo à leitura.

5. Alguns resultados prévios

5.1 A bienal, as feiras e as festas literárias

Ao abordar a difusão dos livros, podemos perceber também as bienais, feiras e festas literárias como importantes espaços de circulação de livros, escritores, bem como editoras que, juntas, acabam por fomentar a leitura na Bahia. Nos últimos anos, esses eventos literários pontuais viraram tendência na Bahia, por promoverem uma agitação cultural que, embora efêmera, é real.

A Bienal do Livro da Bahia, por exemplo, que acontece em Salvador, é o maior evento do mercado do livro no estado, pelo fluxo de pessoas e quantidade de vendas de livros. Na sua última edição, em novembro de 2013, foram 10 dias de apoio e incentivo à leitura, de debates com grandes nomes da literatura regional e nacional e de valorização da cadeia produtiva do livro. Nos espaços propícios, o público participou de bate-papos com personalidades culturais, autores, jornalistas, além de atividades recreativas e lúdicas. Um dos espaços mais disputados durante a Bienal foi o “Café Literário”, no qual o autor, numa conversa descontraída com os leitores, divide a experiência de escrever, de contar uma história. Para os autores, editores, livreiros, agentes literários e demais profissionais do livro, o evento é uma oportunidade para solidificar o relacionamento entre os profissionais do setor e fomentar bons negócios. Muitos autores e editoras aguardam este momento para o lançamento de seus livros, ao passo que outras fazem relançamento de obras eventualmente publicadas no interstício. Além disso, o incentivo aos docentes e às escolas públicas a participarem da Bienal pode ser encarado como aspecto positivo para a formação de leitores, ainda que, em si só, não baste para tal.

De porte “internacional”, ocorre a Festa Literária Internacional de Cachoeira (Flica), certamente a mais famosa da Bahia, que, a exemplo da Festa Literária de Paraty, entrou no circuito de eventos literários do Brasil, chegando, em 2014, a sua quarta edição. Realizada na cidade histórica de Cachoeira, a cerca de 120 da capital Salvador, na região do Recôncavo Baiano, o evento também sofre críticas por envolver apenas de forma superficial atores culturais da região. Por outro lado, a Flica pode ser caracterizada como um evento cuja organização se dá em termos relativamente profissionais, tal como a Bienal, o que certamente não é o caso da maioria das feiras do livro e festas literárias que ocorrem em diversos municípios do estado². Além disso, é de assinalar que ambas, a Bienal e a Flica, recebem substancial aporte financeiro público, por leis de fomento.

A Feira do Livro de Feira de Santana que, neste ano de 2014, entrou em sua sétima edição, reúne todas as linguagens culturais e visa fomentar a leitura e a cultura de modo geral, em todos os níveis. A característica principal da Feira do Livro, de acordo com os organizadores, é a diversidade. A ideia vai muito além da comercialização de livros. O evento, organizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) e parceiros, conta com exposições, lançamentos e venda de livros, círculos de leitura, recitais, palestras, oficinas, apresentações de teatro, shows musicais, exibição de filmes, mostra fotográfica, realizações paralelas com encontros de escritores, literatura de cordel e música instrumental.

O protagonismo das Universidades públicas deve ser realçado, de forma geral. Além da Feira do Livro de Feira de Santana, organizada pela Pró-Reitoria de Extensão da UEFS, juntamente com a UEFS Editora, é importante frisar a Feira Itinerante organizada pela Editora da Universidade Federal da Bahia – EdUFBA. Por sua vez, a Editora da Universidade do Estado da Bahia – EdUNEB –, por exemplo, vem implantando livraria própria em seus 24 campi espalhados por todo o estado da Bahia. Tal livraria, muitas vezes, representa a única em algumas cidades. Em termos de números, a EdUFBA, por exemplo, desde 2010, vem lançando mais de cem títulos por ano. Em conjunto, as editoras universitárias possuem um importante papel na difusão do livro e da leitura,

² Outras feiras e festas literárias pelo interior da Bahia (lista ainda incompleta): Festa Literária Internacional de Juazeiro (Juazeiro), Feira Oficial de Livros de Nordestina (Nordestina), Feira Literária do Colégio Municipal de Alagoinhas (Alagoinhas), Festa Literária Ler Amado (Ilhéus), Feira do Livro de Itacaré (Itacaré), Feira Literária da Fênix de Itamaraju (Itamaraju), Feira Municipal do Livro (Seabra), Feira de Livros Espíritas (Vitória da Conquista), Feira do Livro Usado de Vitória da Conquista, Festa Literária do Sertão de Jequié (Jequié).

seja esse papel exercido conscientemente – por meio de programas específicos – ou não. A afiliação delas à ABEU (Associação Brasileira das Editoras Universitárias) garante a divulgação – por exemplo, por meio do “Informativo ABEU em rede”, distribuído via *mailing list* – e a circulação de seus livros em todo o território nacional. A ressalva aqui é que grande parte do portfólio das Editoras Universitárias consiste de livros técnicos. Uma realização do ano de 2014 merece destaque, não tanto pelo glamour das festas literárias internacionais já estabelecidas, mas novamente pela assunção da responsabilidade social da universidade pública: trata-se da I Festa Literária Internacional da Chapada Diamantina, realizada em Lençóis e Seabra. A responsabilidade da organização ficou com o campus Seabra da UNEB, com o apoio e presença da EdUNEB, bem como presença da UEFS Editora e da EdUFBA. Apesar de não termos percebido impacto no que diz respeito à circulação de editoras propriamente comerciais, percebemos presença de pequenas editoras sediadas em cidades do interior, assim como também escritores que usam do excipiente da autoedição e venda por eles mesmos durante o evento. Aliás, a presença de escritores, escritoras e coletivos de escritores/as que se autoenquadram no rótulo “marginal” pode ir no sentido de uma especialização desta Festa Literária, ainda mais tendo em conta que o afluxo turístico ao Parque Nacional da Chapada Diamantina pode ser caracterizado, de forma geral, como “alternativo”. Os organizadores, igualmente, expressaram em suas falas a vontade de dar expressão às criações mais propriamente “locais” ou “regionais”, além de contemplar a produção de autoria feminina de forma bastante enfática. Além disso, a parceria com o SEBRAE no apoio ao evento aponta o rumo da atenção à economia criativa, segmento livro.

5.2 Novas editoras, especialização por segmento, autoedição, coletivos e saraus

De fato, apesar de ainda não termos os dados totais, percebemos um relativo crescimento na quantidade de editoras atuando, muitas delas com menos de cinco anos de existência, algumas já formalizadas, outras ainda operando em “fundo de quintal”, como se expressou um desses novos editores. Percebemos que algumas das formalizadas se especializaram em editar obras contempladas por editais de fomento do estado da Bahia (como os da Fundação Pedro Calmon) ou dos municípios que possuem política pública específica para o livro (como os da Fundação Gregório de Matos, da cidade de Salvador). Estes dados teremos que tratar com cuidado e ainda, neste momento, não poderão ser nomeados.

Como exemplo de editoras novas especializadas, com perfil claramente definido e apostando em segmentos específicos, podem ser citadas a Organismo Editora e a Kawo-Kabiyesile, ambas de Salvador.

A Organismo Editora foi criada em 2013 e é especializada em obras de poesia, que se apresentam com design arrojado e projeto gráfico com perfil identitário próprio. Como forma de propaganda de suas obras, lança mão da divulgação dos seus lançamentos nas redes sociais (cf. www.facebook.com/organismoeditora), bem como participa de feiras e festas literárias, promovendo lançamentos ou relançamentos. Propõe-se a publicar, inicialmente, poetas inéditos.

Outra editora nova, criada em 2011, é a Kawo-Kabiyesile, que expressa claramente sua política editorial em seu blog (cf. editorakawo.blogspot.com.br/):

uma editora independente do grande mercado editorial tendo como objetivo contribuir para a transformação da sociedade mundial através da difusão de saberes. A escolha do nome, a saudação ao orixá Xangô em iorubá, reivindica a representatividade do comprometimento combativo com a justiça social.

A editora igualmente utiliza-se das redes sociais para divulgar seus lançamentos (cf. www.facebook.com/editorakawo). Conforme notificado pelo editor chefe, ao final de 2012, a editora conseguiu um convênio para distribuição de seus livros, a partir da Librarie Portugaise et Bresilienne, situada em Paris, para toda a Europa, pela livraria e pelo sistema online.

“Coletivos literários” também são encontrados. Um exemplo é o Coletivo Ogun’s Toques. Surgido em 2012 e especializado em literatura negra e suas respectivas obras, utiliza-se igualmente das redes sociais (v. www.facebook.com/OgumsToques), mas também de encontros literários com escritores oriundos de várias partes do Brasil e do exterior – como a Primavera Literária, que ocorre de 15 a 20 de dezembro do corrente, em Salvador. Suas publicações, no entanto, são feitas em parcerias com a Editora Barabô, de São Paulo. Este fato de muitos coletivos e autores/as individualmente procurarem pequenas editoras no Rio de Janeiro ou em São Paulo foi relatado pelo já citado trabalho de Cristiana Alves (2011), o qual informa que a maioria dos escritores por ela entrevistados, da mesorregião do Nordeste Baiano, publicaram suas obras por pequenas editoras do Sudeste, arcando com os custos de edição.

A autoedição, aliás, está em franca expansão, seja exercida por aqueles autores que trabalham de forma artesanal, com o próprio computador e sua própria impressora, seja por aqueles que imprimem suas obras na Empresa Gráfica da Bahia (EGBA), que

possui um dos maiores parques gráficos do estado e imprime para a maioria das editoras formais, inclusive para as editoras universitárias. A dinâmica da autoedição conta com o autor como seu próprio vendedor e distribuidor. Após o lançamento, geralmente acompanhado por alguma performance, o autor está pronto para vender os seus livros. A autoedição, portanto, tanto pode ser feita por um autor conhecido, quanto por um ainda desconhecido, quanto, ainda, por multiartistas – não é raro encontrar obras com ilustrações do próprio escritor.

Os saraus são outra sorte de coletivo que, por enquanto, encontramos na periferia da capital Salvador³. Cito, a cunho de exemplo, o Sarau da Onça, tocado por Sandro Sussuarana e colegas, coletivo que se reúne no subúrbio de Salvador para recitação de poemas e atividades literárias diversas (Festival de Arte e Cultura e Concurso Literário), abrindo espaço inclusive para a música do hip-hop e da dança do break. Um resultado do trabalho deste coletivo teve apoio, por intermédio de edital, da Fundação Gregório de Matos do município de Salvador, de forma que se viabilizou uma obra coletiva, editada por uma editora pequena de Vitória da Conquista, a Galinha Pulando. Mas por que a necessidade de ir tão longe para achar uma editora? Determinante aí foi o papel do editor que se engajou especialmente no projeto⁴. Outros saraus existem, tais como o Sarau Erótico, do qual faz parte o poeta-grafiteiro e produtor cultural Zezé Olukemi, que reconhece influência do movimento negro, do Movimento Anarcopunk de Salvador, do Movimento Hip-Hop. Tanto Zezé Olukemi quanto Sandro Sussuarana reconhecem certa influência dos saraus organizados pela Cooperifa, da periferia da cidade de São Paulo, pelo poeta Sérgio Vaz. Para eles, a importância dos saraus serve tanto para a formação de público, venda de livros e autolegitimação do autor da periferia, no sentido do mote: “não espere grandes editoras ou o estado”, como se expressou Sérgio Vaz⁵.

5.3 Entraves

Além do entrave de distribuição, da inexistência de livrarias em todos os municípios e próximas da população, do preço do livro que não cabe no bolso do brasileiro e do baia-

³ Temos conhecimento de coletivos literários também em Feira de Santana e Cachoeira, mas estes não chegam a organizar saraus regularmente como os de Salvador.

⁴ Trata-se da obra: SUSSUARANA, Sandro. [Sandro Ribeiro dos Santos]. (Org.). *O diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada*. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2014. O editor é: Valdeck Almeida de Jesus.

⁵ Informações recolhidas com base nas falas de Sérgio Vaz, Fábio Mandingo, Sandro Sussuarana e Zezé Olukemi, na Mesa 5 — Literatura e periferia, durante a I Festa Literária Internacional da Chapara Diamantina (Flich), em 5. set. 2014, no Centro Cultural de Lençóis.

no – todos entraves já conhecidos –, a pesquisa, até o momento se deparou com algo relativamente grave: de todas as editoras que, até o momento responderam aos questionários, nenhuma delas possui gráfica própria, o que indica que elas ficam relativamente reféns de terceiros, no que diz respeito ao custo final do livro, o que pode torná-lo mais caro ainda para o consumidor final, o leitor.

Outro aspecto negativo encontrado é a falta de qualificação dos diversos profissionais envolvidos na materialização do livro: encontramos falhas de normalização, de revisão, de padronização; o design por vezes é inusitado e afasta o leitor, ao invés de atraí-lo. Essas são questões que não podem ser resolvidas por programas de computador de design e editoração de última geração. São questões que dizem respeito à formação do profissional do livro – a tecnologia em si não realiza nada, sem ser operada de forma eficaz. Demais isso, a não padronização das obras impede que elas entrem no circuito das distribuidoras, não sendo nem aceitas nas livrarias de shopping-centers. Há uma ausência de cursos específicos para a área editorial na Bahia. Um investimento em termos de capacitação para os novos editores e suas respectivas editoras, bem como para os diversos profissionais que estas mobilizam, seria um caminho para garantir o incremento da economia criativa do livro no estado.

Como apontamos, há uma eclosão de feiras e festas literárias, o que é altamente positivo. Contudo, até o momento percebemos nelas uma presença tímida das editoras propriamente comerciais.

Concluindo

De toda forma, quando falamos das dinâmicas possíveis, queremos abarcar o máximo de características que possam envolver o campo da economia criativa do livro. É preciso ampliar o pensamento, ir além do trivial, pensar o campo como uma rede de conexões, no qual não podemos esquecer, por exemplo, da influência das redes sociais.

O que se quer, quando pensamos a dinâmica da economia criativa do livro na Bahia, é minimizar uma visão binária e adentrar em um campo heterogêneo, no qual nenhuma iniciativa é igual a outra. Contudo, existem similaridades de contextos que, quando registrados, podem convergir para discussões mais eficazes.

O campo das editoras, em tempos de domínio da internet, está em expansão e isso se deve a algum motivo, a um interesse do público que também desperta o nosso interesse. Muitas editoras com as quais dialogamos até agora apontam para o monopólio de

distribuidoras e de grandes livrarias como uma problemática a ser resolvida. Se os resultados da pesquisa realmente apontarem para essa dinâmica cruel, o que já acontece, vamos precisar fortalecer o diálogo por aí. Adianta para o escritor desenvolver o seu trabalho sem um campo propício para a circulação do resultado de seu investimento criativo – do livro? As dinâmicas da economia criativa do livro, na Bahia, precisam mudar o seu traçado, para atingir a tão aclamada democratização do livro e da leitura?

Referências

ALVES, Cristiana da Cruz. *O Junco: lugar-personagem na obra dos escritores d'Essa terra*. Dissertação (Crítica Cultural). Universidade do Estado da Bahia, Campus II. Alagoinhas, 2011.

BAHIA, Secult. Edital 08/2012. [*Apoio à edição de livros*]. Salvador: Fundação Pedro Calmon, 2012. Disponível em: www.cultura.ba.gov.br/edital/edital-n%C2%BA-08-2012/. Acesso em: 30 out. 2013.

BAHIA. Secult. *Plano estadual do livro e da leitura*. Salvador, 2013. Disponível em www.cultura.ba.gov.br/wp-content/uploads/2013/03/Plano-Estadual-do-Livro-e-Leitura-do-Estado-da-Bahia00.pdf. Acesso em: 30 out. 2013.

BRASIL. MinC. *Plano nacional do livro e da leitura*. Brasília, 2010. Disponível em: www2.cultura.gov.br/cnpc/wp-content/uploads/2011/07/plano-nacional-do-livro-e-leitura1.pdf. Acesso em: 30 out. 2012.

BRASIL. MinC. *Plano da secretaria da economia criativa: políticas, diretrizes e ações: 2011-2014*. Brasília, 2011.

CÂMARA dos Deputados. *Legislação sobre livro e leitura*. Brasília: Edições Câmara, 2011. Série Legislação, 78. Disponível em: http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/8506/legislacao_livro_leitura.pdf?sequence=1. Acesso em: 8 nov. 2013.

CHAUÍ, Marilena. Cidadania cultural – relato de uma experiência institucional. In: Idem. *Cidadania cultural – o direito à cultura*. São Paulo: Ed. Fundação Perseu Abramo, 2006, p. 65-102.

EARP, Fábio Sá; KORNIS, George. *A economia da cadeia produtiva do livro*. Rio de Janeiro: BNDES, 2005.

ECONOMIA criativa. *Notícias do MinC*, 27 mar. 2013. Disponível em: <http://www2.cultura.gov.br/site/2013/03/27/economia-criativa-26/>. Acesso em: 30 out. 2013.

GALLO, Mayrant. Não faltam editoras. *Revista Verbo 21: Cultura e Literatura*. Disponível em: www.verbo21.com.br/v5/index.php?option=com_content&view=article&id=457:nao-faltam-editoras&catid=42:seara-do-gallo&Itemid=126. Acesso em: 4 nov. 2013.

GANDRA, Alana. *Literatura da periferia começa a chamar a atenção do mercado, diz sindicato das editoras*. Portal EBC, Brasília, 9 set. 2013. Disponível em:

www.ebc.com.br/cultura/2013/09/literatura-da-periferia-comeca-a-chamar-a-atencao-do-mercado-diz-sindicato-de. Acesso em: 7 nov. 2013.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Definição de mesorregião*. Disponível em: www.ibge.gov.br/home/geociencias/geografia/default_div_int.shtm. Acesso em: 30 out. 2013.

LEITÃO, Cláudia. *Cultura e municipalização*. Salvador, Secretaria de Cultura, Fundação Pedro Calmon, 2009.

LOPES, Carlos. Competências criativas para fortalecer a economia criativa no Brasil. Ministério da Cultura. In: *Plano da secretaria da economia criativa: políticas, diretrizes e ações: 2011-2014*. Brasília, Ministério da Cultura, 2011.

LOPES, Eduardo Pereira. *A revolução dos tomates: literatura de comunidade e engajamento intelectual na prosa de Enoch Carneiro*. Dissertação (Literatura e Diversidade Cultural). Universidade Estadual de Feira de Santana. Feira de Santana, 2013.

MIGUEZ, Paulo. A economia da cultura como campo de estudos e a novidade da economia criativa. In: *Plano da secretaria da economia criativa: políticas, diretrizes e ações: 2011-2014*. Brasília, Ministério da Cultura, 2011.

ONU. *Relatório de economia criativa 2010: economia criativa: uma opção de desenvolvimento viável*. Nações Unidas, 2010.

SANTOS, Sandro Ribeiro. (Org.). *O diferencial da favela: poesias quebradas de quebrada*. Vitória da Conquista: Galinha Pulando, 2014.

Fanpages

Barabô Editora Livraria. Disponível em: www.facebook.com/BaraboEditora. Acesso em: 1 dez. 2014.

Coletivo Ogum's Toques. Disponível em: www.facebook.com/OgumsToques. Acesso em: 1 dez. 2014.

Editora Kawo-Kabiyesile. Disponível em: www.facebook.com/editorakawo. Acesso em: 1 dez. 2014.

Organismo Publicadora. Disponível em: www.facebook.com/organismoeditora. Acesso em: 1 dez. 2014.

Blog

Editora Kawo-Kabiyesile. Disponível em: <http://editorakawo.blogspot.com.br/>. Acesso em: 1 dez. 2014.